



Possibilidades no Ensino Remoto Emergencial: relato de experiência como aluna no curso de Licenciatura em Música da UFJF¹

Comunicação

Suzane da Silva Ferreira Lima de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora
profsuzane2013@gmail.com

Hellem Pimentel
Universidade Federal do Espírito Santo
hellempimentel@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo considerar algumas possibilidades do Ensino Remoto Emergencial (ERE) no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tais considerações serão feitas a partir do relato da minha experiência como aluna em quatro disciplinas oferecidas durante o ERE: Percepção Musical III, Percepção Musical IV, Canto Coral I e Canto Coral II. As disciplinas foram selecionadas pelo caráter teórico-prático e por apresentarem abordagens que impactaram positivamente meu aprendizado. O papel do professor é evidenciado como fundamental para promover a interação e manter a motivação dos alunos durante o ERE.

Palavras-chave: Educação a Distância. Ensino Remoto Emergencial. Licenciatura em Música.

1. Introdução

Em dezembro de 2019, a humanidade foi surpreendida de maneira abrupta por um vírus que mudou completamente a vida das pessoas. A COVID-19 provocou a morte de milhões de indivíduos e paralisou o mundo todo. No início, pensamos que seria passageiro e que logo voltaríamos à vida “normal”, mas a crise sanitária se estendeu por 2 anos.

Para que a vida pudesse seguir de alguma forma, muitas das atividades cotidianas foram migradas para o mundo virtual. As pessoas começaram a trabalhar e estudar através de seus computadores e smartphones, e parte dos atendimentos médicos passaram a ser realizados por videoconferência ou atendimento telefônico. A internet passou a ser protagonista soberana em um mundo afastado fisicamente. No âmbito das instituições

¹ Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), como requisito parcial a obtenção da licenciatura em Música.



educacionais, a solução encontrada para a manutenção das aulas foi a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), um ensino alternativo e temporário adotado em circunstâncias de crise (HODGES *et al.*, 2020).

Em agosto de 2020, após alguns meses de expectativa, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) iniciou o primeiro semestre em modo remoto. Foram muitos os desafios enfrentados nessa nova realidade; porém, como aluna, pude vivenciar aspectos positivos que facilitaram o meu processo de aprendizagem.

Este trabalho tem como objetivo considerar algumas possibilidades no ensino remoto a partir da minha vivência no curso de Licenciatura em Música da UFJF. Em vista disso, relatei a minha experiência em quatro disciplinas oferecidas durante o ERE: Percepção Musical III, Percepção Musical IV, Canto Coral I e Canto Coral II. Essas disciplinas foram selecionadas pelo caráter teórico-prático e por apresentarem abordagens que impactaram positivamente meu aprendizado, mudando a maneira de ver o ensino remoto.

2. Aprendizagem *online* e Ensino Remoto Emergencial

O termo “Ensino Remoto Emergencial”, ou “Ensino Remoto de Emergência”, foi empregado por profissionais da educação para distinguir essa abordagem do ensino *online*, que possui planejamento e design cuidadosamente trabalhados para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz – cuidado este que estará ausente na maioria dos cursos do ERE iniciados durante a pandemia. “Planejar, preparar e desenvolver um curso universitário totalmente *online* costuma tomar de seis a nove meses antes da entrega” (HODEGS *et al.*, 2020, p. 6). Já o ERE “envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para o ensino que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos híbridos, e que retornarão a esses formatos assim que a crise ou emergência diminuir ou acabar” (Ibidem).

O fechamento temporário de escolas e universidades em situações de fragilidade e emergência é uma prática que pode ser encontrada em diversos países e contextos. O artigo de Hodge *et al.* cita como exemplo o Afeganistão,

onde a educação foi interrompida por conflitos e violência e as próprias escolas eram alvos, às vezes porque as meninas estavam tentando acessar a educação. Para tirar as crianças das ruas e mantê-las seguras, a educação via



rádio e DVDs foi usada para manter e expandir o acesso educacional e também promover a educação dessas meninas. (Ibidem).

Não devemos, portanto, confundir os cursos online, pensados a longo prazo para funcionar em ambientes virtuais de aprendizagem, com o ensino que precisou, por necessidade, passar bruscamente para o modo remoto, como uma solução temporária.

O ensino remoto já existe de forma a auxiliar a modalidade de ensino presencial em diversas instituições de ensino superior, mas se tornou “protagonista” com as restrições causadas pelo isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, tornando-se necessário como uma estratégia para que as instituições educacionais dessem continuidade às suas atividades.

Nesse processo, diversos autores ressaltam o papel dos professores na busca por promover a interação entre professor-aluno e entre aluno-aluno em modo remoto, mantendo a motivação dos estudantes ao mesmo tempo em que são obrigados a lidar com as novas tecnologias e a fazer enormes mudanças em seus planejamentos pedagógicos.

No contexto de entender e aprender a utilizar os mecanismos do ensino remoto, o professor deve ser visto como um importante agente. Em minha experiência como aluna inserida na realidade do ERE, considero que o papel do professor não pode ser substituído por outra ferramenta, especialmente quando temos a possibilidade de um atendimento síncrono. Na próxima seção, explanarei sobre a vivência em quatro disciplinas durante o ERE e como elas foram conduzidas de forma a motivar os alunos, apesar dos grandes desafios desse período.

3. Música em modo remoto: relato de experiência

Minha primeira licenciatura em música foi cursada na modalidade EAD. Optei pelo ensino a distância por não haver instituição que oferecesse curso superior em música de forma presencial em minha cidade, Três Rios - RJ, e pela flexibilidade de horário para realizar as disciplinas, pois isso me daria a possibilidade de conciliar os estudos com o trabalho. Fazer um curso na modalidade EAD exige muita disciplina e atenção ao calendário das atividades e avaliações para não perder prazos e notas. Diferente do que algumas pessoas possam pensar, a EAD requer extrema dedicação do aluno e de todos os envolvidos.



Na Licenciatura em Música em EAD, o acesso ao conteúdo se deu por meio da plataforma AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), onde ficavam as aulas gravadas, os textos para leitura, os exercícios, os links para pesquisas, a biblioteca virtual e outras referências. As disciplinas eram organizadas por professores especialistas, mas o contato direto era com o tutor, que orientava os alunos e dava o feedback das atividades. A comunicação com o professor era bem mais limitada. Quando necessário, fazíamos contato, mas nem sempre o retorno acontecia de forma rápida. Nesse aspecto, considero o contato direto com o professor um ponto positivo do ERE em relação à modalidade EAD, seja por meio de videoconferências, *WhatsApp*, troca de e-mails, da plataforma *Google Classroom*, ou outra rede de comunicação.

Após concluir o curso de Licenciatura em Música em EAD, fui informada por um amigo que a UFJF estava com inscrições abertas para vagas ociosas no curso de música. Fiquei muito interessada, pois ainda tinha o desejo de realizar a graduação em música no formato presencial. Particpei do processo seletivo, fui aprovada e ingressei na UFJF.

Iniciei o curso muito animada, mas como eu não conseguia frequentar as aulas de forma regular devido ao trabalho e à distância entre as cidades, senti muita dificuldade em estabelecer um vínculo com os colegas. Isso me inibiu nas aulas presenciais, o que me levou a não buscar auxílio com os colegas de turma, nem com os professores e monitores. O sentimento que eu tinha era de que não pertencia àquele grupo. Mesmo estudando de forma presencial, a sensação era de distanciamento, e isso refletiu em meu desempenho.

No início de 2020, quando a pandemia de COVID-19 se estabeleceu e medidas de isolamento social foram adotadas, as aulas da UFJF foram paralisadas por 5 meses para que a instituição encontrasse formas de implantar o ERE, certificando-se de que todos os alunos tivessem acesso aos equipamentos e tecnologias que fazem parte do ensino virtual. A expectativa foi grande, até que, em agosto de 2020, retomamos as aulas em modo remoto, embarcando em uma profunda aprendizagem não só dos conteúdos ministrados, mas também da forma como esse processo se daria. O que seria o tal Ensino Remoto Emergencial? Fomos, aos poucos, descobrindo uma nova maneira de organizar os nossos estudos.

A UFJF disponibilizou o *Google Classroom* para a realização das aulas e organização do conteúdo programático. Os professores podiam planejar atividades síncronas e



assíncronas², conforme a demanda da disciplina. As aulas síncronas eram realizadas no horário previsto no plano departamental, gravadas e disponibilizadas no *Classroom* para que os alunos pudessem acessar posteriormente. Dentro desses parâmetros, cada professor criou sua abordagem para ministrar as aulas no ERE. A seguir, irei relatar minha experiência em quatro disciplinas oferecidas durante o ERE: Percepção Musical III, Percepção Musical IV, Canto Coral I e Canto Coral II.

3.1 Percepção Musical III e IV

A disciplina de Percepção Musical (PEM) era um desafio para mim. Cursei essa matéria em 2016, mas não consegui acompanhar as aulas regularmente e tive dificuldade em alguns conteúdos, o que resultou na minha não aprovação. Esperei alguns semestres para me matricular novamente na disciplina, pois sabia que seria necessário grande dedicação de minha parte. Precisando cumprir os créditos exigidos para a colação de grau, fiz a minha inscrição em PEM III no primeiro semestre letivo de 2020, durante o ERE.

A disciplina de Percepção Musical possui um viés prático e participativo através de leituras rítmicas, solfejos, ditados, exercícios de coordenação motora etc. Fiquei bastante receosa, pois a disciplina que eu tinha mais dificuldade não seria ministrada presencialmente. Como a abordagem de uma aula como PEM se daria em modo remoto? Além disso, pensar nas câmeras e microfones ligados, a princípio, me causou um certo desconforto, já que eu temia me expor. No entanto, conforme fui entendendo a dinâmica da disciplina, também fui me sentindo mais segura em ligar a câmera, abrir o microfone e participar das aulas.

A disciplina de PEM tinha encontros síncronos semanais de 2 horas para aulas expositivas, resolução de exercícios e tira-dúvidas, conteúdo a ser acessado assincronamente e atividades avaliativas quase toda a semana – solfejos rítmicos e melódicos e exercícios de reconhecimento auditivo. A entrega dos exercícios era feita basicamente de três maneiras: vídeos gravados com as leituras solicitadas, arquivos em pdf ou imagem com as atividades de reconhecimento auditivo (por escrito) e atividades interativas organizadas em formulários do

² As aulas síncronas acontecem em tempo real, ao vivo, com professores e estudantes online ao mesmo tempo. Essas aulas requerem que professor(a) e alunos tenham uma boa conexão de internet. As aulas assíncronas são aquelas em que o(a) professor(a) compartilha o material na plataforma virtual - um arquivo de vídeo, um texto, orientações etc. – e não há interação simultânea.



Google Forms. Os encontros síncronos, apesar da distância física e das demandas da disciplina, eram leves e divertidos. A abordagem da aula não nos pressionava à exposição, deixando os alunos à vontade caso não se sentissem seguros em participar.

Comecei a notar o quão prazeroso era encontrar os colegas na quinta-feira – dia da aula síncrona. Sentia-me como parte da turma e sem medo de me expor ao ligar a câmera e o microfone – experiência muito distinta da que tive no modelo presencial. Estávamos todos passando pelo mesmo momento, buscando sobreviver a COVID-19 e às mudanças bruscas que a pandemia impôs à vida de cada um; muitos de nós perdemos parentes, amigos e pessoas próximas. Em meio a tanta tragédia, sentir-me pertencente ao grupo dava sentido ao que eu fazia ali e me motivava a perseverar e vencer minhas dificuldades com a disciplina.

Essa experiência remete à fala do Berger e Luckmann (apud CASTRO, 2011):

Os conceitos de pertencimento e resiliência em relação aos processos de escolarização servem como cenário para a compreensão sobre o tornar-se aluno. Entende-se que é através do pertencimento que os alunos podem legitimar suas identidades em seus diferentes contextos de convivência, sobretudo na escola. Pertencer significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença (BERGER; LUCKMANN, apud CASTRO, 2011, p. 27).

Outra experiência positiva foi o rápido retorno das minhas dúvidas ao entrar em contato com a professora e o monitor da disciplina. Esse retorno era dado por e-mail, *WhatsApp* e chat do *Classroom*. O contato direto com a professora foi um fator motivador no ERE – especialmente em relação à minha experiência na EAD. Da mesma forma, a atenção dada pelo monitor e a flexibilidade de horários para atender aos alunos também devem ser destacados. A professora propôs que parte do horário de atendimento da monitoria fosse dedicado ao estudo em grupo. Nós nos reuníamos para cantar ritmos e solfejos e compartilhar nossas dúvidas. Essa abordagem do estudo coletivo de maneira mais autônoma levou a turma a uma maior integração e nos deu mais segurança na realização dos exercícios.

Quanto à avaliação, a professora considerou os exercícios entregues semanalmente, o que possibilitou analisar a trajetória do aluno, e não só um momento específico do curso. Mesmo porque a aula em modo remoto, com as ferramentas que tínhamos, não abarcava determinadas abordagens da aula presencial, como uma prova escrita, individual e sem



consulta a ser dada simultaneamente a todos os alunos da turma. Em minha experiência, a avaliação semanal foi muito proveitosa, pois sempre fiquei nervosa no momento da prova, o que prejudicava o meu rendimento. Essa observação também foi compartilhada por vários colegas. Além disso, gravar os vídeos e áudios dos exercícios propostos, podendo assisti-los depois, possibilitou apurar a minha percepção do que deveria ser corrigido e acompanhar o meu próprio progresso na disciplina.

O feedback da professora era dado por escrito e dispostos em uma tabela que nos permitia visualizar a sequência das atividades e o quanto conseguimos desenvolver a cada semana. Como os exercícios estavam registrados em áudio e vídeo, era possível voltar neles e conferir todas as observações feitas. O feedback imediato, como acontecia nas aulas presenciais, só era possível durante os encontros síncronos.

Foi no contexto da aula remota que consegui trabalhar o receio da disciplina de Percepção Musical e buscar ajuda para sanar as minhas dificuldades. Surpreendentemente, o ERE abriu tais possibilidades em minha formação.

3.2 Canto Coral I e II

A aula de Canto Coral foi um grande desafio, pois a sua natureza pressupõe várias pessoas no mesmo ambiente, presencialmente, cantando juntas. Essa experiência não foi possível de reproduzir no ambiente virtual devido a latência da internet, que não possibilita que o canto aconteça de forma síncrona. Por esse mesmo motivo, a vivência de sermos conduzidos coletivamente por meio da regência, em tempo real, também não aconteceu.

Apesar de tantas limitações, considerei a disciplina bastante produtiva. Para trabalhar a parte teórica, a professora dividiu a turma em quatro grupos e cada um deles ficou responsável por apresentar um seminário baseado nas leituras propostas. O trabalho em grupo foi muito importante para a turma, pois os alunos eram quase todos do primeiro período e não se conheciam. Como vários deles relataram, essa dinâmica permitiu que a turma interagisse e experimentasse a coletividade nesse contexto de isolamento social.

Como atividade prática, a professora propôs a realização de dois a três repertórios por semestre. Recebemos orientação quanto a técnica vocal, aquecimento e vocalises. A disciplina também contou com uma monitora disponível para auxiliar a turma. Mesmo em



modo remoto, foi possível classificar as vozes, dividir os naipes e trabalhar o repertório. Isso se deu por meio de encontros síncronos, quando recebíamos as orientações de técnica, pronúncia e interpretação, e atendimentos individuais com a monitora, em que essas informações eram reforçadas e praticadas, além do material em texto, áudio e vídeo deixado no *Classroom*.

Para o trabalho com o repertório, foram disponibilizados partituras e áudios. A avaliação se deu por meio da entrega da gravação do repertório, em que o aluno cantava a linha melódica do naipe, conduzidos por um áudio-guia. Também foi solicitada a entrega de um vídeo no qual o aluno deveria cantar a voz do seu naipe ouvindo o áudio com as vozes harmonizadas dos outros naipes. Todo esse material foi preparado pela professora e pela monitora.

Por meio das gravações dos áudios aprendi a me ouvir e a prestar atenção na forma como estava cantando, a observar a minha respiração e trabalhar pacientemente cada trecho da música até obter um resultado que julguei satisfatório.

Para realizar algumas das atividades propostas, foi necessário aprender a trabalhar com programas de áudio e vídeo. Programas de edição de áudio disponíveis gratuitamente na internet, como *Bandlab* e *Soundtrap*, viabilizaram a experiência do canto em conjunto em um ambiente virtual de aprendizagem. Os dois programas citados oferecem a possibilidade de gravar músicas em colaboração com outros músicos, como se fosse um estúdio compartilhado, com base na nuvem. Dessa forma, foi possível gravar um arranjo a quatro vozes com os colegas, de forma autônoma, e cada integrante do grupo precisou redobrar a atenção para os parâmetros trabalhados em aula, como afinação, respiração, articulação, emissão vocal, leitura, precisão rítmica e sincronia.

3.3 O papel do professor no Ensino Remoto Emergencial

Ao nos depararmos com a pandemia e a implantação do Ensino Remoto Emergencial, foi possível perceber como vários professores procuraram caminhos criativos para abordar os conteúdos programados, buscando fazer com que os alunos se sentissem acolhidos, estando à disposição para ouvi-los em suas dúvidas e atendê-los em suas dificuldades. Mais do que nunca, foi preciso com que os professores estivessem disponíveis para acolher e se reinventar.



Paulo Freire afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (1996, p. 47). Ao passarmos por tamanho desafio, o papel do professor foi fundamental para manter a motivação e mostrar novas formas de construir o conhecimento.

Ao me sentir acolhida durante o período remoto, fiquei a me questionar em relação ao Ensino Remoto Emergencial: quem estabelece a distância no processo de ensino aprendizagem? Apesar de estarmos distantes fisicamente, me sentia mais próxima dos professores e dos colegas de turma, diferente de quando participei das aulas em modo presencial, fisicamente perto, mas sem conseguir interagir ou mesmo sentir que fazia parte da turma.

O uso das Tecnologias e Interação e Comunicação (TICs) deve “enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção do conhecimento por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores” (BETTEGA, 2004, p. 16). De fato, as novas ferramentas tecnológicas foram fundamentais para no ERE, mas é importante ressaltar que elas não substituem o professor, como afirma Senhoras (2021):

O papel do professor no contexto pandêmico sofreu significativas mudanças ao mesmo tempo em que preservou sua importância. Embora as TICs ofereçam um universo infindável de conteúdo, somente o profissional professor é capaz de filtrar aquilo que realmente é relevante para o ensino aprendizagem do estudante. Nesse aspecto o papel do professor se firma enquanto fundamental, mesmo diante de tantas mudanças proporcionadas pela tecnologia (SENHORAS, 2021, p. 18).

Ao relatar a minha experiência nas disciplinas descritas acima, pude constatar a importância do professor na obtenção de resultados positivos durante o ERE. O que para alguns pode ter sido um período árduo devido ao distanciamento físico, para mim foi um tempo produtivo, em que me senti com mais liberdade para expressar minhas dúvidas e ideias e compartilhar o que estava aprendendo.

4. Considerações finais

A pandemia causada pela COVID-19 impôs o isolamento social, o que causou diversas mudanças na vida de toda a população mundial, inclusive em relação ao cenário educacional.



Buscando minimizar os prejuízos resultantes dessa paralisação, as instituições de ensino optaram pela implantação do Ensino Remoto Emergencial, de caráter provisório.

A experiência do ERE mostrou as potencialidades das ferramentas tecnológicas e requereu disponibilidade de todos os professores e alunos para aprender a usá-las. Novos métodos de intervenção por meio das TICs têm surgido, possibilitando a construção de práticas pedagógicas inovadoras. O uso de novas tecnologias impactou a metodologia dos professores durante o ERE e, possivelmente, também mudará a dinâmica em sala de aula no retorno ao ensino presencial.

Embora, no início, muitas dúvidas pairassem sobre a efetividade as aulas no ERE, o empenho dos professores se mostrou fundamental para que a aprendizagem fosse produtiva. Por meio de abordagens participativas, os alunos puderam interagir entre si, o que promoveu um sentimento de pertencimento e solidariedade. Nesse sentido, o contato direto com os professores também foi importante para manter a motivação.

Entre os aspectos observados nas aulas descritas que pude compreender como pontos positivos, a partir da minha experiência como aluna, resalto: o acesso direto aos professores por meio de videoconferências, *WhatsApp*, e-mails e *Classroom*; trabalhos em grupo que promoveram a interação entre os alunos; encontros síncronos para atividades em turma; engajamento dos professores em trazer novas abordagens de ensino que se adequassem ao contexto do ERE; uso das TICs para auxiliar o aprendizado e viabilizar novas formas de prática musical; flexibilidade de horário de estudo possibilitada pelas aulas gravadas e material disponibilizado; incentivo a autonomia do aluno; acolhimento dos alunos em suas dificuldades com as demandas tecnológicas e em seus variados perfis de participação; oferta da monitoria e disponibilidade de atendimento dos monitores; avaliação contínua e compatível com o formato online; organização das atividades na plataforma *Google Classroom*; e por fim, a qualidade do material disponibilizado.

Cabe salientar que, embora eu tenha, no âmbito deste trabalho, optado por destacar os aspectos positivos da minha experiência com o ERE – porque foram eles que se evidenciaram para mim –, é importante ressaltar que este é um depoimento bem diferente do discurso de vários dos meus colegas e de especialistas da área da educação. Mesmo considerando a experiência do ERE muito produtiva, também pude observar e vivenciar



pontos de grande dificuldade. Um deles foi a instabilidade da internet, que mostrou o quanto não estávamos preparados para atender tamanha demanda de atividades *online*. Por diversas vezes, a conexão se perdia durante as aulas síncronas, dificultando a participação dos alunos. Além disso, muitos colegas não tinham acesso a aparelhos que possibilitassem o acesso às aulas em tempo real a realização de exercícios propostos na plataforma virtual. Após tal experiência, torna-se urgente reivindicar a criação de políticas públicas que nos deem acesso à tecnologia de forma mais efetiva e democrática.

Quando entrei para a UFJF, o meu desejo era ter acesso às aulas em modo presencial, visto que já tinha feito uma licenciatura em Música a distância, mas a pandemia de COVID-19 trouxe um novo contexto de aprendizagem. Embora receosa no início, aceitei o ERE como uma oportunidade de novos desafios e busquei me empenhar para vencer as dificuldades em cada disciplina. Com isso, tive diferentes experiências de ensino, ao me formar em Licenciatura em Música na modalidade EAD e nas modalidades presencial e ERE; todas elas foram experiências enriquecedoras. Em cada uma, tive muitos desafios, mas também foi possível obter aprendizados significativos.



Referências

BETTEGA, M. H. *Educação continuada na era digital*. Coleção Questões da nossa época, São Paulo, v. 116, Editora Cortez, 2004.

CALAZANS, Marcelo Vizani. *Uso das TIC no aprendizado de teoria musical para o canto coral*. Lisboa, 2021. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade de Lisboa, 2021.

CASTRO, Paula Almeida de. *Tornar-se aluno: identidade e pertencimento - um estudo etnográfico*. Rio de Janeiro, 2011. [159 f.]. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

HODGES, Charles et al. Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. *Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia*, v. 2, 2020.

MORETTO, Milena (Org). *A educação a distância na contemporaneidade: perspectivas e impasses*. Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2020. 208p.

SENHORAS, Elói Martins (Org). *Ensino remoto e a pandemia de COVID-19*. Boa Vista: Editora IOLE, 2021.